

OPINIÃO

VIOLÊNCIA, TEMA QUE NÃO PASSA

José Sarney

Até quando teremos que falar de violência? É um tema que não se esgota e tem tantas faces que é difícil olhar uma delas sem a interferência das outras.

Os ideólogos dizem que sua fonte está na sociedade injusta e desigual. Basta cortá-la que ela desaparece. Os filósofos não hesitam em apontá-la como uma das características mais fortes do ser humano. Lembrome ter lido uma conferência de dom Hélder Câmara, em que diz: "O homem é pela própria natureza violento". Ninguém se torna violento, somos violentos. Os políticos não perdem a oportunidade de politizar o tema e logo surge a acusação de incompetência do aparelho estatal, das forças de repressão, das medidas de dissuasão, das leis incompletas e insuficientes, de homens incapazes.

Não fujo ao dever de consciência de dizer que todas essas visões são verdadeiras, assim como muitas outras que se podem agregar, de uma sociedade hedonista, da busca de bens materiais, da sublimação dos prazeres, de uma loucura coletiva em busca do sucesso.

Acrescente-se a velocidade dos meios de comunicação que tornaram didáticos os modos de criminalidade, com a indução de personalidades psicóticas a buscar o estrelato da notoriedade, na prática do inusitado, embora cruel.

As drogas têm o seu lugar catalisador. Elas degradam o ser humano, elas bestificam os homens, fazem com que percam a razão, a noção de padrões morais, a destruição física dos mecanismos de agir, atingindo o corpo, o cérebro e principalmente desalojando a alma, cuja definição mais simples e exata está em Bergson: "O sentimento da transcendência".

A primeira criação institucional do homem foi a luta corporal para acabar com a "propriedade", e superar a disputa em torno daquilo que passaria a não ser de alguém, mas sim dos mais fortes. Dezenas de milênios passaram. Era o homem caçador. Essa história é longa. Nos nossos dias a propriedade já tem um sentido social, para atingir os ideais de justiça. A disputa por espaços e poder caracterizava a violência tribal e permanece na violência de nossos dias embutida em formas sofisticadas de muitas guerras.

Na história do homem, para transformar o homem, a religião te-



ve um papel decisivo. O cristianismo acima de todas, porque este, em sua raiz, na igreja das catacumbas, sabia que não podia transformar o mundo, sem transformar o homem. O melhor código moral — já dizia Voltaire, um ateu — são os Dez Mandamentos. Segui-los é servir a Deus, mas acabar com a violência. Basta listá-los.

Outrora, as religiões tinham essa função essencial de converter os homens a uma vida sem pecados, estes consideradas as transgressões das leis morais, que iam da violência física à violência espiritual. As religiões, em grande parte, politizaram-se. Passaram a querer mudar o mundo pela violência e convertê-lo pela morte. Veja-se a Irlanda do norte, os fundamentalistas do Oriente Médio e do mundo inteiro. No meio dessa tarefa missionária e divina para mudar os homens, surgiu a inter-

ferência da tecnologia dos satélites, cujos heróis são todos violentos, matadores, sedutores e transgressores de todas as leis morais, vestidos com capa de justiceiros. Os meios eletrônicos podiam ter sido usados como o instrumento dessa globalização ética.

Pelo lado político, os fins justificam os meios e a revolta individual passou a ser a conduta salvadora, cada um lutando mais para apressar revoluções e todas as formas de ação política violenta.

Hoje, a violência misturou-se e de nenhuma forma pode se distinguir suas vertentes; outrora, o seqüestro político, hoje o seqüestro do crime comum, os atentados, o terrorismo como forma de coação e de forçar soluções.

Mas o mais grave para nossa vida cotidiana, esta nossa necessidade de sobreviver, é a segurança nas cida-

des. Antigamente, construíam-se os castelos fortificados, fora das cidades, nos lugares mais inacessíveis, na busca de segurança. Hoje, estão as grades das casas, os sistemas de alarme, os guardas de segurança e ninguém foge ao medo de ser assaltado. Não há castelo, nem rico nem pobre, que esteja imune à violência.

São os crimes mais terríveis, como esse de pedofilia na Bélgica, das meninas de oito anos e dessa moça de São Paulo, tão bela, que não envelhecerá, que terá sua beleza eterna, porque a morte não deixou que a vida lhe roubasse os traços.

Considero que a Constituição de 88 favoreceu a violência. Ela manteve a possibilidade do homicida defender-se solto, acabou com a prisão preventiva, obstaculizou a ação da polícia e da Justiça, estimulando a impunidade e a vingança. Sua visão era contra a violência de Estado, e não a violência em si.

Outra grande ameaça — já que se fala tanto em globalização — é a globalização do crime, as máfias internacionais, o crime como negócio de alta rentabilidade.

Certa vez, um jornal do Rio foi invadido por um grupo de estudantes. A diretoria reuniu-se às pressas: "O que vamos fazer? — disse Otto Lara Resende, que participava da reunião — Só temos duas formas: ou vamos fugir ou mudar a linha editorial do jornal."

Agora só temos uma: fugir. Para onde?

A outra seria mudar. O sistema penitenciário brasileiro é uma afronta. Temos que ter penitenciárias que recuperem criminosos, e não escolas de criminosos e escritórios dos chefes do banditismo. Devemos construir cadeias divididas, conforme as penas. Não misturar simples contraventores com autores de crimes hediondos. Os religiosos devem voltar a pregar sobre os padrões morais, a paz interior, a mensagem cristã; a polícia deve ser melhorada e aparelhada, a justiça instrumentalizada, o Legislativo aprimorar as leis, o Executivo coordenando as ações de repressão e prevenção, a sociedade participar apoiando e, sem dúvida, recrudescer a luta contra os bolsões de pobreza.

Chegaremos um dia ao fim da violência? Acredito. Para isso somos cristãos, mas muitos anos ainda rolarão sob a ponte.